

Resumo: No Documento de Aparecida, o encontro com Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida é determinante na vida de todo cristão. O discipulado-missionário é fruto desse encontro pessoal e coletivo e leva a uma opção radical não só pela pessoa de Jesus, mas à tudo aquilo que Ele optou. A primeira Boa Nova a ser anunciada é a vida plena para o ser humano em todas as suas dimensões, onde quer que esteja ameaçada.

Abstract: Of vital importance in the Document of Aparecida is the personal attachment to "Jesus Christ, as the Way, the Truth, and the Life" (Jo 14,6), because of his continuous influence in the existence of every Christian. The disciples engaged in missionary work show forth the consequence of this personal and ecclesial bond between himself and the person of Jesus Christ and everything He embraced. The first novelty of the Good News to be announced is the fullness of human values in all areas threatened by destructive forces.

Aparecida: a bem-aventurança do discipulado

*Reginaldo Pereira**

* O Autor é Bacharel em Teologia pelo ITESC (2008). Será ordenado diácono pela diocese de Lages no dia 8 de março.



Introdução

O caminho para o discipulado é cheio de desafios. O seguimento de Jesus nunca foi tão necessário e urgente como nos dias de hoje. A Igreja, sacramento de Cristo para o mundo, se vê cada vez mais impelida a ser sinal da Boa Nova de Jesus para milhões de pessoas que vivem privadas de uma vida digna.

O Documento de Aparecida se apresenta, no contexto da América Latina, como um horizonte de esperança em meio a tantos sofrimentos e desilusões. Nesse sentido, faz-se mister uma evangelização que possa chegar a todas as pessoas e estruturas que ainda não vivem segundo o projeto do Reino de Deus.

Apresentamos neste artigo as principais perspectivas e linhas de ações para uma evangelização eficaz em nosso continente latino-americano, tendo em vista que o discipulado-missionário constitui o cerne dessa práxis evangelizadora. Colocado, nesta reflexão, como bem-aventurança, o Documento de Aparecida quer ser um itinerário de vida para todos aqueles que desejam seguir Jesus vivendo o compromisso do discipulado-missão, anunciando o Evangelho da Vida Plena para todos.

1 O Discípulo-missionário no Documento de Aparecida

O Documento de Aparecida¹ é uma grata novidade para a Igreja da América Latina e do Caribe. Nascido do desejo de uma renovação capilar da Igreja, esse documento constitui-se como sendo uma luz que se propõe a nortear os caminhos da América Latina rumo a uma evangelização ampla e eficaz.

Como não poderia ser diferente, o ponto de partida do documento é justamente a realidade latino-americana que interpela cada batizado a tornar-se um discípulo-missionário, pois essa mesma realidade contradiz o Reino da vida anunciado por Jesus Cristo. Neste contexto não há “meio-termo”, ou seja, aquele que não escolhe a vida necessariamente torna-se, por ação ou omissão, artífice do projeto do anti-reino, da morte.

¹ Fruto das reflexões da V conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, que aconteceu dos dias 13 a 31 de maio de 2007 na cidade de Aparecida, São Paulo. Representaremos o Documento nas citações a seguir com a sigla DA.



Partindo das convicções já presentes no Concílio Vaticano II, Aparecida acredita que antes de tudo é preciso discernir os “sinais dos tempos”, olhar a realidade e perceber que as mudanças atuais em um mundo dito “globalizado” alcançam um contingente de pessoas cada vez mais vasto e suas conseqüências são cada vez mais devastadoras.

Com o tema, “*Discípulos-Missionários de Jesus Cristo para que Nele nossos povos tenham vida*”, o documento delinea respectivamente a identidade cristã, o ponto de referência e a meta de toda a evangelização na vida da Igreja. Não pode haver discipulado sem missão e não pode haver missão sem discipulado. Essa reciprocidade entre discipulado e missão é fruto de uma experiência cristã pessoal e comunitária que encontra seu fundamento no próprio Cristo, discípulo-missionário do Pai.

Certamente, todo o discipulado-missionário não teria razão de ser se, no encontro com Jesus Cristo, não tivesse uma meta final, um objetivo norteador de todas as ações e opções. Esse objetivo não nasce somente de uma intuição da Igreja, mas da própria missão de Jesus Cristo: “*Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância*” (Jo 10,10). Nesse sentido, a Igreja como sacramento de Cristo é a primeira destinatária dessa missão, ela é chamada a viver cotidianamente um caminho de conversão pessoal, comunitária e estrutural, para continuar sua missão redentora no seio da humanidade.

Como sujeito da vida eclesial, o discípulo-missionário encontra na Trindade-Amor a inspiração e a sustentação de toda a sua espiritualidade, para que, a partir desse modo de “ser”, consiga superar o egoísmo e se encontre plenamente no serviço para com as outras pessoas². No entanto, a opção pelo discipulado-missão requer de cada batizado uma adesão total à causa do Reino, e por isso é essencial que cada discípulo-missionário esteja consciente de que o seguimento de Jesus implica em assumir integralmente alguns aspectos intrínsecos à práxis cristã. São eles:

- O encontro pessoal com Jesus Cristo, que desperte o fascínio pela sua pessoa;
- Uma experiência de fé profunda, capaz de dar um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva;

² DA, nº 240.



- Seguir o caminho da conversão pessoal como início de uma mudança radical e integral de vida;
- Viver a experiência da acolhida fraterna, da valorização do ser humano, da inclusão em todos os âmbitos da vida comunitária, da comunhão, da entrega e do compromisso na e pela Igreja;
- Viver a missão como discípulo que ama seu Senhor e compartilha a alegria de ser enviado a tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados³.

Como podemos constatar, viver o discipulado-missão a partir de Aparecida requer uma caminhada constante em direção à pessoa de Jesus Cristo. Isso não acontece como um “passe de mágica”, mas é um processo onde o discípulo-missionário precisa seguir um processo de formação que engloba a integralidade de sua pessoa, ou seja, suas dimensões humana, comunitária, espiritual, intelectual, pastoral e missionária⁴.

Os lugares⁵ propostos pelo documento para a formação do discípulo-missionário também se constituem como essenciais para uma formação que seja realmente condizente e eficaz para a missão que ele deverá assumir na comunidade. São eles: a família, a paróquia, as CEBs e as pequenas comunidades eclesiais, os movimentos eclesiais, os seminários e casas de formação de religiosos, as novas comunidades e os centros educativos católicos.

A partir desses pressupostos, o discípulo-missionário é aquele que leva a efeito o mandato de Jesus Cristo e por isso cumpre a finalidade de toda a evangelização da Igreja: levar cada pessoa, enfim todos, ao encontro pessoal e comunitário com o Cristo vivo e presente na realidade humana⁶.

Acerca do discipulado, Retamales diz o seguinte:

O discipulado é um modo de “ser e de “fazer” gerado pelo encontro com Jesus vivo, que “faz discípulos” provocando rupturas e doando vida nova devido à participação no seu mistério pascal (...) O olhar

³ DA, nº 243 -245; 278, 154-163.

⁴ DA, nº 280.

⁵ DA, nº 301-346.

⁶ Cf. Mt 28,19.



da fé ao outro como irmão, sobretudo aos mais pobres e sofridos, torna presente neles o Jesus sofredor, que nos fala a todos, e nos evangeliza para edificar seu reinado em justiça e equidade, paz e verdade⁷.

Por ser aquele que é enviado a anunciar o projeto de Jesus para todos os povos, o discípulo-missionário é também destinatário daquilo que anuncia. Sendo assim, sob o impulso do Espírito, o discípulo-missionário é aquele que se evangeliza evangelizando, que assume pessoalmente aquilo que assumirá comunitariamente. Nesse sentido, a evangelização torna-se não só um discurso, mas um testemunho, feito por pessoas impregnadas de audácia (11), ousadia e confiança (363), valentia (150), imaginação e criatividade (173) e cheios de fervor espiritual (552).

A partir dessas considerações, o ponto de chegada do documento e, por consequência, o ponto de chegada da missão do verdadeiro discípulo-missionário de Jesus Cristo só poderia ser entendida nos seguintes termos: Ao discípulo-missionário cabe a missão de ser um promotor da vida humana, que leve todos e cada um a uma autêntica libertação integral, fazendo com que todos se tornem sujeitos de seu desenvolvimento e criando espaços de relações sociais baseadas na compaixão e no amor gratuito⁸. Em suma, trata-se de uma eucaristização da pessoa e da realidade, assumida como dom de Deus e transformada em espaços de vida plena no encontro com o Cristo sofredor, Caminho, Verdade e Vida.

2 A Missão da Igreja

Como já refletimos anteriormente, toda a Igreja é convocada a viver a missionariedade em seu sentido mais amplo, despertando em seu interior cada vez mais discípulos-missionários a serviço do Reino da vida. Nesse sentido, o documento de Aparecida proclama em toda a América Latina a necessidade, a exigência de uma Igreja em estado permanente de missão.

Citando o decreto conciliar *Ad Gentes* nº 2, o documento de Aparecida reconhece que a Igreja peregrina é missionária por natureza, porque

⁷ RETAMALES, Santiago Silva. *Os discípulos de Jesus: Relatos e imagens de vocação e missão na Bíblia*, São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007, p. 130-131.

⁸ DA, nº 399, 359, 135, 360.



tem sua origem na própria missão de Jesus e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus. Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos⁹.

Para que a Igreja possa cumprir os desafios no mundo de hoje, Aparecida destaca quatro exigências a serem colocadas como fundamentais para o êxito de sua missão.

Em primeiro lugar, Aparecida propõe que a missionariedade impregne a Igreja inteira, ou seja, todas as estruturas eclesiais, todos os planos de pastoral e toda a instituição, saindo das estruturas há muito tempo ultrapassadas¹⁰. Para isso, é preciso que cada discípulo-missionário, chamado ao seguimento de Jesus, exerça sua missão configurada ao Cristo Mestre, animado pelo Espírito Santo e, no anúncio do Evangelho da Vida, disposto a pôr em prática a dinâmica do Bom Samaritano. Nessa dinâmica, cada discípulo-missionário, a exemplo de Jesus, torna-se próximo daqueles que sofrem, partilha a experiência do encontro com Cristo, testemunha-o e anuncia-o de pessoa a pessoa, de comunidade em comunidade, e da Igreja aos confins do mundo¹¹. Por isso, a missão não é um compromisso de alguns, mas de toda a comunidade cristã, que deve dar aos outros a partir de sua própria pobreza.

Em segundo lugar, Aparecida afirma a necessidade de cada comunidade eclesial tornar-se um centro irradiador de vida. Somente a partir do momento em que as comunidades eclesiais se tornarem centros de irradiação da vida em Cristo, será possível acontecer um novo Pentecostes na Igreja, possibilitando que cada pessoa e todas as pessoas alcancem a vida em plenitude, onde cada um seja respeitado em sua dignidade¹².

Esse novo Pentecostes também se configura como tempo de sair da acomodação, do cansaço e da desilusão em que vive a Igreja no mundo de hoje. Para isso, é necessário que se assuma um trabalho conjunto com outros organismos e instituições, a fim de organizar estruturas mais justas no âmbito nacional e internacional, consolidando uma ordem sócio-econômica e política inclusiva para todos. No entanto, todas essas

⁹ DA, nº 347.

¹⁰ DA, nº 365.

¹¹ DA, nº 145.

¹² DA, nº 380-390.



expectativas não serão completas se não tiverem como pano de fundo a promoção da vida a partir da opção preferencial pelos pobres.

Em terceiro lugar, Aparecida afirma que a missão na e da Igreja passa necessariamente pelo desinstalar-se do comodismo, da tibieza e da acomodação¹³. As preocupações com o pouco crescimento de vocações sacerdotais e religiosas em relação ao crescimento da população na América Latina; o número de fiéis que abandonaram a Igreja e até a religião, e a falta de testemunho daqueles que continuam na Igreja, exigem uma pastoral que seja presença ativa, transformadora e eficaz.

Por último, Aparecida tem a nítida convicção de que uma Igreja verdadeiramente missionária deve passar de uma pastoral da conservação para uma pastoral missionária. Nesse sentido, toda a vida pastoral das dioceses e comunidades, a partir do próprio planejamento, deve responder com propriedade às exigências do mundo contemporâneo, através de objetivos e métodos concretos e eficazes.

Enquanto a pastoral da conservação ainda enfatiza o ritualismo, a espiritualidade individualista, o relativismo ético e religioso, o desinteresse pela Doutrina Social da Igreja e uma evangelização sem alegria, a pastoral missionária encontra nos leigos a oportunidade para se formar uma Igreja que “pensa junto”, ou seja, decide, planeja, discerne e executa em comunhão. Fica claro no documento que as dificuldades pastorais, seja a nível econômico ou humano, são expressões de uma pastoral individualista e descompromissada com a comunhão eclesial¹⁴.

Para o bom êxito desses projetos na América Latina, Aparecida propõe a toda a Igreja algumas ações e opções que envolvem uma mudança substancial em todo o modo de ser Igreja. Podemos sinteticamente explicitar esses caminhos como sendo os seguintes:

- Assumir uma atitude de permanente conversão pastoral: reconhecendo e assumindo os novos rostos da pobreza na América Latina, evangelizando através de uma pastoral estruturada, orgânica e integral, principalmente priorizando uma nova forma de atuar na Pastoral Urbana.

¹³ DA, nº 362.

¹⁴ DA, nº 100.



- Trabalhar para uma renovação eclesial: continuando a caminhada do Vaticano II, renovar a paróquia, e criar comunidades eclesiais de base – CEBs. Também, nesse ponto, valorizar o protagonismo das mulheres na vida eclesial e na família, e ter consciência de que uma renovação eclesial só é possível através de uma pastoral pensada conjuntamente.

O evangelista Mateus, no discurso acerca da missão (10,1-42), afirma que a maneira de realizar a ação missionária e o conteúdo que ela propõe estão pautados no seguimento de Jesus. O reconhecimento da superioridade do amor a Jesus como fonte e luz para todos os outros atos de amor, suscita o seguimento, e indica a essência da vida revelada no projeto cristão. O que Jesus propõe como critério e como norma é segui-lo, ou entrar no mesmo modelo de ação em seu caminho de cruz. Nessa perspectiva, a ação missionária impulsiona a todos para a prática da nova justiça pela qual o discípulo se configura ao Mestre. A ação missionária não é teoria, mas uma práxis decisiva que se dirige à liberdade e provoca uma tomada de posição. Ela desarticula as mentiras e as verdades aparentes que fundamentam os interesses e o poder daquelas pessoas e grupos da sociedade que alimentam o anti-Reino¹⁵.

Nessa grande “cruzada” missionária a serviço da vida plena, Aparecida nos apresenta um universo amplo de lugares onde a Igreja deve ser presença atuante. Dentre esses lugares destacam-se:

- O mundo da cultura, das comunicações, das ciências e das relações internacionais;
- A vida pública;
- O mundo do urbano;
- A unidade de nossos povos (integração latino-americana);
- A inclusão dos indígenas e afro-americanos¹⁶.

Como Igreja, Aparecida convoca todos os cristãos e cristãs a serem construtores e construtoras do Reino, enchendo todos os ambientes com o ardor missionário que nasce do encontro com Jesus na concretude da história humana. Sendo assim, afirma:

¹⁵ GORGULHO e ANDERSON, *A justiça dos pobres: Mateus*, São Paulo: Paulinas, 1981, p. 110.

¹⁶ DA, nº 476-519; 521-533.



*Somos testemunhas e missionários: nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e florestas de nossa América, em todos os ambientes da convivência social, nos mais diversos “areópagos” da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo ad gentes nossa solicitude pela missão universal da Igreja*¹⁷.

Seguindo a dinâmica das outras conferências episcopais, Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), a conferência de Aparecida suscita no coração da Igreja latino-americana um novo “alvorecer” pastoral e missionário. Ao contrário do que talvez imaginássemos, não houve rupturas no caminho da evangelização na América Latina, mas a insistência e a ampliação do olhar eclesial sobre o contexto existencial em todos os níveis, em especial sobre aqueles que se encontram privados até mesmo de uma vida digna: os empobrecidos material e existencialmente.

3 A missão a serviço da Vida: a opção preferencial pelos pobres

Como não poderia deixar de ser, a vida humana plena é a meta da missão na América Latina. Todos os esforços, todos os projetos, todos os encontros e desencontros estão permeados por esta opção fundamental que determina o modo como vemos, julgamos e agimos na realidade latino-americana. Nesse sentido, o documento de Aparecida é explícito ao afirmar que a opção pela vida, e pela vida dos mais pobres em especial, constitui-se como critério para uma fé que possa ser verdadeiramente cristológica. Assim explicita:

*“(...) a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza. (...) Se essa opção está implícita na fé cristológica, as cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles”*¹⁸.

Como podemos constatar, a opção preferencial pelos pobres não é apenas um apêndice da missão, mas é horizonte e é meta, se pensarmos que junto da pobreza estão todas as formas de exclusão que devoram a

¹⁷ DA, nº 548.

¹⁸ Cf. DA, nº 392-393.



vida. Em um dos seus discursos, Dom Pedro Casaldáliga diz que “fora dos pobres não há salvação, fora dos pobres não há Igreja, fora dos pobres não há Evangelho”.

A radicalidade presente nas palavras de Dom Pedro nos revela algo muito importante: precisamos nos converter para a realidade dos pobres. Aparecida não só confirma essa necessidade, mas aponta os caminhos para entendermos quem são, porque são e onde estão os pobres da América Latina.

Quando falamos em “opção preferencial”, de maneira alguma se pode pensar em exclusivismo ou exclusão das outras pessoas que não se encontram na condição de exclusão ou pobreza. No entanto, também não significa inclusão ou participação no Reino de Deus dos que não se converterem à realidade dos pobres e excluídos (Mt 19,16-28).

Não há dúvida de que Deus ama a todos, mas percebemos, na história da salvação, que Deus “opta”, ou seja, escolhe, toma posição em favor dos pobres. Nesse sentido, podemos dizer que o Deus da Bíblia é parcial. Deus ouve o clamor dos oprimidos no Egito, desce para tirá-los da escravidão e para conduzi-los à Terra Prometida (Ex 3,7-10), e se identifica como aquele que está ao lado dos fracos e humilhados: “Se Deus se afeiçoou a vós e vos escolheu, não é porque sejais o mais numeroso de todos os povos – pelo contrário, sois o menor dentre eles! – e sim por amar-vos e para manter a aliança que ele jurou aos vossos pais” (Dt 7,7-8a). Essa predileção de Deus pelos pobres e excluídos é uma escolha no amor e na gratuidade, que revela a própria natureza de Deus, as suas entranhas de mãe, a sua ação de libertador e gerador da vida. Nesse sentido, a Igreja, presença viva da Trindade no coração da humanidade, recebe a missão de servir com amor todos os afligidos pela fraqueza humana, e deve reconhecer nos pobres e sofredores a presença do Cristo pobre e sofredor¹⁹, enviado para fazer a vontade do Pai acolhendo-os preferencialmente.

Segundo o documento de Puebla (1979), para viver e anunciar a pobreza cristã, a Igreja toda precisa rever suas estruturas e a vida de todos os seus membros, sobretudo dos agentes de pastoral e, só depois

¹⁹ Compêndio do Vaticano II: *Constituição Dogmática Lumen Gentium* n° 8c, Petropolis: Vozes, 1998. 27 ed.



de convertida, poderá evangelizar com eficiência os pobres²⁰. Nessa mesma perspectiva, o documento de Aparecida nos diz que a renovação eclesial e pastoral passa não só por uma renovação estrutural, mas também por uma conversão a um “modo” de ser Igreja a partir do encontro com Cristo²¹. Nesse sentido, a opção pelos pobres é derivada da opção primeira por Jesus Cristo.

No entanto, a opção pelos pobres acontece quando se manifesta concretamente na ação da Igreja. A defesa da vida digna e dos direitos básicos dos excluídos, bem como a criação de estruturas que ofereçam condições para que eles sejam sujeitos de transformação de sua situação, são critérios essenciais para estabelecermos as bases de uma mudança efetiva da realidade.

Aparecida afirma que a opção pelos pobres precisa permear todas as estruturas e prioridades pastorais, para que possa ser realmente “preferencial”. Ainda mais, não se pode pensar nos pobres como se fossem meros destinatários da evangelização, pois pensando dessa forma estaríamos não só rompendo com a realidade de uma Igreja que evangeliza e é evangelizada a partir dos pobres, mas estaríamos a um passo de nos tornarmos paternalistas ou apenas teóricos de uma fé desencarnada. Como não poderia deixar de ser, os pobres são sujeitos da evangelização e da promoção humana integral²².

Em seu discurso inaugural da conferência de Aparecida, o papa Bento XVI recorda que toda a Igreja deve ser “advogada da justiça e defensora dos pobres”, diante das injustiças e desigualdades que atuam nos dias atuais. Nesse sentido, a opção preferencial pelos pobres significa não só estar atento à realidade dos pobres, mas também uma ação concreta diante de todas as formas de injustiça que causam a pobreza e que tiram dos pobres o direito de terem esperança em um mundo melhor. Se não há esperança para os pobres, não haverá esperança para a humanidade, afirma o documento²³.

Baseado na afirmação de Aparecida, não poderíamos esquecer que o Concílio Vaticano II, em sua constituição pastoral *Gaudium et Spes* trouxe várias luzes para o agir pastoral da Igreja no mundo de

²⁰ Documento de Puebla, nº 922.

²¹ DA, nº 393.

²² DA, nº 398.

²³ DA, nº 395.



hoje. Ciente de que a missão da Igreja é levar esperança para o mundo e principalmente aos pobres, os padres conciliares afirmam:

*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração*²⁴.

Confirmando as reflexões conciliares e das anteriores conferências episcopais da América Latina, Aparecida vive a certeza de que é preciso construir uma ética cristã baseada em uma pastoral comprometida com a promoção da dignidade humana, capaz de criar uma solidariedade e justiça globalizadas, ou seja, entre todos os povos.

Nas reflexões que fazemos, existe uma questão que sempre está presente em todos os momentos: Quem são os pobres e sofredores na América Latina? Aparecida tenta identificar alguns desses rostos que se somam com as mais variadas formas de pobreza identificadas em nosso continente. São eles: os povos da rua; os migrantes; os enfermos; os dependentes de drogas; os presidiários; os menores em situação de pobreza; as vítimas da violência familiar e do abuso sexual; os portadores de HIV; os órfãos; as pessoas expostas à pornografia forçada, real ou virtual; os indígenas e afro-americanos; os pobres do mundo urbano, etc²⁵.

Concluimos, ao olhar esses rostos identificados em Aparecida, que uma evangelização que não faz uma explícita opção por eles, não pode ser chamada de cristã, perdendo assim a razão de sua existência enquanto Boa-Nova. Nesse sentido, Leonardo Boff entende que a verdadeira evangelização não pode ser outra senão aquela que faz em seu âmago a mesma opção de Jesus.

Uma evangelização que não envolva diretamente os pobres e não lhes confirme a esperança de uma sociedade nova e alternativa, uma evangelização que não assuma a causa dos pobres, suas lutas e suas vidas, perde em densidade cristã e traição o Jesus histórico, que foi um homem pobre neste mundo e que se identificou com os pobres, colocando-os como

²⁴ Compêndio do Vaticano II: *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* nº 1, Petrópolis: Vozes, 1998. 27ed.

²⁵ DA, nº 407-430; 435-439; 509-533.



*seus lugares-tenentes no momento crucial da história, na hora do juízo definitivo sobre o destino eterno das pessoas e da criação*²⁶.

Diante dos “novos” rostos dos pobres, não há como negar que a prática do Evangelho da vida é o único modo de devolvermos o mínimo de dignidade àqueles que são “explorados”, considerados “supérfluos” e “descartáveis” pelo sistema opressor. A Boa-Nova dos pobres certamente é possível, através de um processo lento e pedagógico que envolva uma mudança profunda do ser humano que reflita em todas as dimensões de sua ação. Por isso, essa mudança-conversão é fundamental para que se revele o projeto de Deus para cada ser humano e para toda a humanidade, chegando até os confins do mundo (Mt 28,19), proclamando no ser e no agir o Evangelho da Vida plena, que Aparecida define como: Boa-Nova da dignidade humana; Boa-Nova da vida; Boa-Nova da família; Boa-Nova da atividade humana e; Boa-Nova da destinação universal dos bens e da ecologia.

A Bem-aventurança de Aparecida mistura esperança, sonhos e desafios para todos os cristãos da América Latina. Mais que convite, ela é uma convocação para o apostolado em nosso continente. Mais que uma tarefa, ela mostra a todos uma “Missão”, assumida por Jesus e repassada a cada um de nós como critério para participação no Reino de Deus.

O Reino de Deus não é para nosso usufruto pessoal, por isso ele nos convoca, nos envia e certamente nos garante: *Bem-aventurados os discípulos-missionários porque serão portadores da Esperança e da Vida para o mundo.*

Conclusão

Como não poderia deixar de ser, o “bem-aventurado” sabe que o caminho que leva a Deus passa necessariamente pelos valores do Reino, como a retidão, a verdade, o direito, a justiça e principalmente a defesa dos mais fracos e sem defesa. Sendo assim, todo Bem-Aventurado não fraquejará diante da perseguição ou sofrimento, pois tendo consciência da causa assumida, persevera na integridade, na fidelidade a Deus e ao seu projeto. Por isso, as bem-aventuranças proclamadas por Jesus são sempre uma marcha contínua e, mais ainda, são uma marcha coletiva.

²⁶ BOFF, Leonardo. *Nova Evangelização: Perspectiva dos oprimidos*, Fortaleza: Vozes, 1991, p.88.



A opção por um mundo mais justo, humanizado e humanizante é um ato da justiça misericordiosa de Deus e está intrinsecamente vinculada à nossa resposta de fé. Por isso, o verdadeiro discipulado não possui somente um aspecto individual, mas um significado e uma dimensão sociais. A bem-aventurança de Aparecida nos inspira o anseio de suscitar novas vocações e de viver fielmente nosso empenho cristão em busca da vida plena para todos. A missão a serviço da vida é tarefa pessoal e eclesial, implicando assim o anúncio e práxis da Palavra que gera vida, e a denúncia da “palavra” do anti-reino, que semeia morte.

Endereço do Autor:

Caixa postal 5041
CEP 88040-970 Florianópolis, SC